

O caso Jayson Blair / New York Times: da responsabilidade individual às culpas colectivas¹

Joaquim Fidalgo²

“Examine the specific sins of Jayson Blair and you will find the common transgressions of everyday journalism. Blair put them together in a spectacular fashion to create a beast that is bigger than the sum of its parts. It’s time to stop shaking our heads at Blair’s audacity, which was immense, and focus on the habits of journalism”.

Kelly McBride³

“These guys [director editorial e director-adjunto do The New York Times] did not go down because of the Jayson Blair affair, they went down because the Jayson Blair affair exposed a lot of other things”.

Douglas C. Clifton⁴

A justificação

O “caso Jayson Blair”, que agitou fortemente os meios do jornalismo e da indústria de “*media*” - sobretudo nos EUA, mas não só -, em meados do ano de 2003, podia não ter passado de apenas (mais) um caso de plágio na imprensa, concluído com um pedido de desculpas do jornal afectado e o despedimento do profissional responsável por uma conduta individual eticamente reprovável. Não seria, infelizmente, o primeiro - e não será porventura o último. Reduzido a um episódio individual, pontual, anómalo, fruto porventura de uma personalidade doentia e marginal ao sistema mediático institucional, o caso não mereceria grandes análises ou debates. No entanto, ele acabou por ser muito mais do que isso. Para além da circunstância de ter ocorrido num dos mais prestigiados e poderosos exemplos mundiais da imprensa de referência, o *The New York Times (NYT)* - o que levou logo muita gente a glosar o mote de que “*se isto pode acontecer no NYT, então deve acontecer em todo o lado*”⁵ -, ele provocou ondas de choque que fizeram tre-

mer a casa-mãe mas se propagaram muito para além dela, suscitando variadíssimos debates nos meios jornalísticos, académicos, associativos e empresariais, estimulando a revisão de regras de conduta e mecanismos de controlo de qualidade na imprensa (com realce para a necessária *accountability*, a prestação de contas aos leitores e à sociedade), questionando a eficácia e o grau de exigência da formação dos jornalistas em matérias do foro ético, enfim, alertando para um urgente *back to basics* no que toca aos princípios e valores fundadores do jornalismo, supostamente subalternizados ou ameaçados por uma envolvente sócio-económica e tecnológica muito pressionante e submetidos a uma lógica muito própria - a **lógica de mercado**.

Visto a esta luz, o “caso Jayson Blair”, por particularmente chocante que tenha sido, dadas a sua desmesura e a sua continuada impunidade, é mais do que uma anormalidade individual, mais do que uma aberração casuística, ultrapassável com a sua pública exposição e uma condenação exemplar; ele acaba (como acabou) por ser sinal e sintoma **(a)** de insuficiências graves de comunicação, organização e gestão no interior da empresa jornalística; **(b)** de pouca transparência e capacidade de diálogo / interacção do jornal com os seus leitores; **(c)** dos riscos de uma cultura de sucesso rápido e espectacular, que leva à desvalorização de regras e rotinas profissionais elementares; enfim, **(d)** da pesada responsabilidade que implica o ofício de jornalista, um ofício alicerçado em bases de confiança que nenhum controlo, por mais presente e rigoroso que seja, alguma vez conseguirá substituir completamente.

É elucidativo que, logo nos primeiros dias após o rebentar do escândalo, o próprio dono do *NYT*, Arthur Sulzberger, tenha vindo insistir em que aquele era um crime de uma pessoa só (“*The person who did this is Jayson Blair*”⁶) e que não devia, portanto, alargar-

se o leque de culpas ao conjunto do jornal, e designadamente aos responsáveis editoriais (“*Let’s not begin to demonize our executives*”). Estava ele longe de imaginar o que se sucederia em catadupa nas semanas seguintes. Jayson Blair foi despedido, sim, mas os principais responsáveis editoriais do *NYT* - o director e o director-adjunto - também acabaram por se demitir, ao mesmo tempo que se procedeu a uma reorganização vasta do jornal, da sua direcção, da estrutura de chefia, dos procedimentos internos, dos mecanismos de relação com os leitores, até do Livro de Estilo. Tudo na sequência de (mesmo que não só por causa de) Jayson Blair.

A história

Valerá a pena recordar os principais factos deste caso.

Jayson Blair, um repórter negro⁸ de 27 anos, pertencente aos quadros redactoriais do *NYT* desde 1999 (mas já conhecedor da casa desde que, ainda estudante universitário, ali fizera um ambicionado estágio profissional no Verão de 1998), demitiu-se no dia 1 de Maio de 2003, depois de se ter descoberto que plagiara, inventara ou distorcera uma série de informações e citações em grande número dos trabalhos jornalísticos que assinara, alguns na primeira página. O motivo próximo foi a denúncia, feita por uma jornalista do *San Antonio Express-News* (antiga colega de Blair na Universidade de Maryland e no estágio de 1998 no *NYT*), de que ele copiara partes de uma reportagem por ela publicada originalmente, a propósito de familiares de um soldado americano morto no Iraque. A denúncia do caso saiu a público nas páginas do *Washington Post (WP)*, concorrente conhecido do *NYT* - e, curiosamente, um jornal que, anos atrás (1980), se tinha visto a braços com um embaraço semelhante: a célebre história da repórter Janet Cooke, que recebeu até um Prémio Pulitzer pela reportagem que fizera sobre uma criança toxicodependente e que, pouco tempo passado sobre a publicação, se descobriu ter sido totalmente inventada.

Dadas algumas suspeitas já vindas de trás, o incidente levou a uma investigação no interior do jornal, da qual se concluiu que

Jayson Blair vinha sistematicamente, desde há anos, plagiando textos, inventando citações, escrevendo de sítios onde nunca tinha ido, ‘fabricando’ notícias e situações. Só entre Outubro de 2002 e Abril de 2003, altura em que esteve integrado na equipa de jornalistas que faziam o acompanhamento noticioso dos grandes assuntos nacionais, foram descobertas invenções ou incorrecções em 36 dos 73 textos assinados por Jayson Blair. Acresce que, nos quatro anos precedentes em que trabalhara no *NYT*, o repórter já tinha sido obrigado a fazer mais de 50 correcções em trabalhos de sua autoria.

Logo a 11 de Maio de 2003, o *NYT* publica um longo texto de quatro páginas, com abertura na primeira página, em que expõe detalhadamente as dezenas de “*actos de fraude jornalística*”⁹ assacados ao seu jovem repórter, ao mesmo tempo que pede aos leitores que lhe façam chegar eventuais novas denúncias. Este invulgar pedido de desculpas e esta retratação pública não puseram, contudo, um fim ao caso, como parecia ser desejo dos mais altos responsáveis do *NYT*: resumir tudo a um ‘desvio’ individual, com laivos até patológicos (soube-se, entretanto, que Blair tinha uma história de problemas do foro psicológico, associada a dependências do álcool e de drogas que ele próprio confirmaria), mas insusceptível de beliscar a honorabilidade ou a credibilidade do jornal como um todo. Aliás, o próprio pedido de desculpas, nos termos em que foi feito, suscitou reacções diversas. Não faltou, de um lado, quem aplaudisse a iniciativa:

“O jornalismo americano raramente produziu algo semelhante ao extraordinário acto de contrição que o *NYT* publicou no domingo [11.5.03]”. (*Tim Rutten*¹⁰)

“Ao decidir-se pela exposição das fraudes em quatro páginas de uma edição de domingo, o jornalão novaiorquino derrubou o fetichismo em torno da infalibilidade da imprensa e confirmou o princípio de que todos os poderes devem ser fiscalizados e devassados. Broncas, suspensões e demissões, até então mantidas entre

quatro paredes ou divulgadas de forma circunspecta, agora serão do domínio público. Sem privilégios, livres dos constrangimentos corporativos e solidariedades gremiais”. (*Alberto Dines*¹¹)

Em contrapartida, outras vozes foram um pouco mais além, sugerindo que o “*acto de contrição*” público, por muito respeitável que parecesse, podia estar a escamotear alguns dos elementos mais importantes e sensíveis deste escândalo:

“Veja-se o artigo de quatro páginas do Times, supostamente contando tudo acerca de Blair. Pelo tom auto-complacente da peça, bem como do editorial desse dia, tornava-se bem claro que o Times pensava que estava a deixar o escândalo para trás das costas. Mas qualquer leitor mediano - que não a gestão do Times - podia ter-lhes dito que este “dizer-tudo” não dizia nada sobre o cerne da história. As questões da raça ou da cultura do Times ou o estilo pessoal de [gestão] Raines eram passadas em claro”. (*Mandy Grunwald*¹²)

“[A autocrítica publicada pelo NYT] foi um julgamento em que o Times funcionou como investigador, acusador, advogado de defesa, juiz, júri e executante. Foi um julgamento-espectáculo (‘show trial’), destinado a expurgar o rasto e a memória de Jayson Blair e a procurar a absolvição dos leitores. (...) Este ritual de confissão, absolvição e penitência acaba, sem querer, por esconder tanto quanto revela. As instituições têm os comportamentos desviantes que merecem. (...) Jornais que valorizam o original, o espantoso e o rápido ariscam-se a ter muitos plágios e fabricações”. (*James Carey*¹³)

Face à perplexidade crescente sobre como tinha sido possível um jovem repórter ludibriar tanta gente, durante tanto tempo, numa das organizações jornalísticas mais poderosas e supostamente mais fiáveis dos EUA,

rapidamente se descobriu uma série de problemas de fundo no interior da redacção, que iam muito para além dos episódios protagonizados por Jayson Blair, e nos quais era preciso mergulhar para entender melhor o que se passara:

- **falhas de comunicação** (Blair levantava suspeitas numa determinada secção do jornal mas era transferido para outra e o novo responsável não conhecia o seu historial)¹⁴;

- **desatenções inexplicáveis** (Blair, entre Outubro 2002 e Abril 2003, escrevera textos supostamente de mais de 20 cidades diferentes, pertencentes a seis estados, mas não apresentara nem uma conta de hotel, bilhete de avião ou despesa de transporte - porque, de facto, nunca saíra do seu apartamento em Nova Iorque - e ninguém pareceu espantar-se com tal situação);

- **suspeitas de favoritismos pessoais** (Blair foi promovido para a equipa nacional quando já se acumulavam muitas dúvidas sobre a lisura de alguns dos seus procedimentos e se sucediam as correcções aos seus textos, sendo que o director Howell Raines gostava do seu estilo “*agressivo*”, da sua “*fome*” de trabalho e da sua disponibilidade permanente, o mesmo sucedendo com o director-adjunto, Stephen Boyd, negro como Jayson, e muito empenhado em favorecer a política de “*diversidade*” no jornal);

- **gestão demasiado centralizada e verticalizada por parte da Direcção Editorial** (propiciadora, de acordo com os jornalistas da casa, de um clima de intimidação, de individualismo, de falta de debate interno, e também de desresponsabilização das chefias intermédias).

Os variadíssimos debates, internos e externos, à volta destas questões, rapidamente amplificados (sinal dos tempos...) pelo recurso generalizado à comunicação através de *e-mails*, de *chat-rooms* e de *weblogs*¹⁵, depressa tornaram evidente que o caso não iria resolver-se tão facilmente como se imaginara, pois adquirira uma dimensão muito superior à do indivíduo Jayson Blair - e já extravasara, inclusivamente, dos muros tradicionalmente sóbrios da “*Old Gray Lady*”, como na gíria costuma ser apodado o circunspecto *NYT*.

Que as coisas ganhavam uma dinâmica acelerada prova-o o facto de, ainda nesse mês

de Maio de 2003, mais um conhecido (e premiado) jornalista do *NYT*, Rick Bragg, se ter demitido, depois de suspenso disciplinarmente por duas semanas. A falha profissional apontada, no caso, foi a utilização, numa reportagem, de materiais recolhidos no terreno por um colaborador *freelancer* do jornal, e não directamente por Bragg, sem que tal circunstância (e designadamente a assinatura do colaborador, sob a forma de co-autoria) tenha sido dada a conhecer aos leitores. Algo, disse mais tarde Rick Bragg, que era prática corrente no *NYT*¹⁶, e que só fora questionada agora porque haveria um excesso de zelo para ‘limpar a face’ da casa e um clima de “*caça às bruxas*” na esteira do escândalo Jayson Blair (ironizava-se até com o nome deste, aludindo a uma espécie de “*Blair Witch Hunt Project*”...).

Howell Raines e Gerald Boyd, respectivamente director editorial e director adjunto, acabam por ter de resignar. A demissão, apresentada em 5 de Junho, é logo aceite pelo proprietário do *NYT*, ele que, menos de um mês antes, tinha garantido que não aceitaria tais demissões, pois não desejava “*demonizar*” quem quer que fosse. A medida parece ter sido generalizadamente bem aceite no interior do jornal, embora houvesse também quem se perguntasse, aqui e ali, se não se estaria “*a fazer dos jornalistas bodes expiatórios de um sistema disfuncional*”¹⁷. O ponto mais significativo era, afinal, a confirmação, já antes vislumbrada, de que estas saídas “*tiveram menos a ver com os desastres de Blair e Bragg do que com o consertar uma redacção que para muitos tinha perdido moral desde que Raines e Boyd assumiram funções*” e onde se multiplicavam “*queixas sobre o funcionamento autocrático do director*”¹⁸.

Entretanto, uma comissão de 20 peritos e nomes prestigiados do jornalismo, quer de dentro quer de fora do jornal, começou a trabalhar para tentar perceber melhor tudo o que corra mal com Jayson Blair, tudo o que corria mal num jornal que permitia essas ‘aberrações’ e tudo o que seria preciso alterar para, no essencial, recuperar uma credibilidade que se sentia tinha sido fortemente abalada. A decisão de fazer esta vasta auditoria interna era justificada com grande clareza e sentido auto-crítico nas próprias páginas do jornal:

“Uma série de êxitos bastante espectaculares pode ter-nos tornado demasiado auto-convencidos, demasiado seguros de que o futuro traria simplesmente mais do mesmo. Agora estamos a reexaminar algumas das nossas regras e estruturas internas”.¹⁹

A comissão de peritos - chamada “*Siegal Comitee*”, a partir do nome de Allan M. Siegal, antigo editor do jornal -, haveria de apresentar o seu relatório final logo em Julho de 2003, com uma série de sugestões que rapidamente foram aceites pelos responsáveis do *NYT*: a nomeação, até aí sempre recusada, de um Provedor do Leitor (“*public editor*”) - que assumiu funções em Dezembro de 2003 -, a nomeação de dois novos editores para tratar quer da vigilância pelo respeito das regras e procedimentos internos (“*standards editor*”), quer do recrutamento e formação de novos jornalistas (“*staffing and career development editor*”), a revisão e pormenorização de algumas das normas do Livro de Estilo do jornal, nomeadamente as que procuram restringir ao máximo o recurso a fontes não identificadas e as que obrigam a um respeito escrupuloso da transcrição de citações em discurso directo, quando apresentadas entre aspas.

Ultrapassada a tentação inicial de sacrificar apenas o responsável individual por um conjunto de anormalidades e seguir em frente, admitida a suposição de que ele era, ao menos em parte, **produto** e **sintoma** de problemas mais vastos no conjunto da redacção, o jornal americano acabou por ir bastante mais fundo na tentativa de recuperar a sua credibilidade. Não se ficou pelo ‘expurgar’ de um jornalista funcionando de modo supostamente marginal ao sistema e à cultura do jornal; questionou esse próprio sistema, essa própria cultura, no pressuposto de que, independentemente do lado aberrante ou até sociopata de Jayson Blair, uma conduta individual escandalosa encontrara no *NYT* do tempo um terreno bastante propício onde germinar e progredir com aparente impunidade, quando não com aplausos e promoções. Ou seja: o mesmo ‘caldo’ que permitira um Jayson Blair podia, a manter-se, permitir ou favorecer outros, maiores ou mais pequenos.

As principais controvérsias

Da história aqui evocada emergiram, ao longo de semanas, diversas controvérsias importantes, tendo em vista a compreensão do que se passara e a necessidade, por muitos pressentida (dentro e fora do *NYT*), de tirar algumas lições para o futuro. Assistiu-se, assim, a uma progressão de argumentos, numa lógica quase de círculos concêntricos, que num primeiro círculo responsabilizava essencialmente o jovem Blair (sem esquecer a circunstância de ser negro), num segundo círculo alargava as culpas a uma cultura e a um sistema específico (o do *NYT*) cujo funcionamento levantava sérias reservas, e num terceiro círculo inscrevia esse sistema num outro, mais vasto, o do mercado dos *media* (e dos *media* mercantilizados), onde seriam detectáveis algumas *razões de fundo* para a explicação destes escândalos jornalísticos²⁰. Atenemos nesses três níveis de responsabilização.

O jovem jornalista negro

As características de personalidade de Jayson Blair, visíveis desde os tempos em que estudara jornalismo na Universidade de Maryland, foram frequentemente invocadas para explicar a sua longa história de mentiras no *NYT*: distúrbios psicológicos, tendências maniaco-depressivas - que obrigaram, juntamente com alguma dependência de álcool e drogas, a tratamentos médicos -, ambição, desejo de sucesso nos "*big-time media*", vontade de se destacar²¹. Para além disso, debateu-se, por vezes com algum excesso, a questão de saber se ele tinha sido tratado com maior condescendência (ou até se tinha tido tão rápida entrada nos quadros redactoriais do prestigiado *NYT*) pelo facto de ser negro. Convirá recordar que tudo isto se passou numa altura (fins dos anos 90 do século passado) em que o tema da "*diversidade*" era presença constante e 'politicamente correcta' no discurso dos grandes *media* americanos, defendendo-se uma atitude de "*discriminação positiva*" ("*affirmative action*") que tornasse mais presentes as diversas minorias - mulheres, negros, hispânicos - no seio das redacções.

O próprio *NYT*, embora sublinhando os méritos do jovem candidato a jornalista e a sua "*notável história de trabalho*", não deixou de referir, no seu célebre 'mea culpa' de 11.5.03, que Blair fora admitido para um primeiro estágio no *NYT*, no Verão de 1998, no âmbito de "*um programa de estágios que estava então a ser usado em grande parte para ajudar o jornal a diversificar a sua redacção*". E também Jayson Blair não se coíbiu de fazer referências a essa circunstância ("*Eu era um negro no NYT, algo que te prejudica tanto quanto te ajuda*"²²), mas admitindo-se igualmente vítima de discriminação negativa: "*Acho que teria sido mais difícil entrar no Times, se fosse branco, e acho que provavelmente também não teria caído tão depressa*"²³. A verdade é que, como lembrou Dan Kennedy²⁴, houve nos últimos anos muitos mais escândalos com jornalistas brancos nos EUA, o que não admira, uma vez que, conforme lembra, só cerca de 12 por cento dos jornalistas empregados por redacções americanas provém de minorias e só pouco mais de cinco por cento são negros. Sucede, contudo, que nos casos com brancos nunca costuma fazer-se referência à cor da pele.

Esta linha de argumentação sobre a raça rapidamente foi contestada por diversos comentadores dos *media*, que viam nela sobretudo uma tentativa do *NYT* de encontrar desculpas fáceis e rápidas para o sucedido e, assim, ficar de bem com a sua própria consciência: seria uma justificação pela *excepção*, sem pôr em causa a *regra* do funcionamento do jornal. Para além disso, surgiram receios de que, através deste caso negativo, começasse a pôr-se em causa o esforço dos *media* americanos por construir redacções com maior "*diversidade*" em termos de minorias. Considerando não só "*falso*" como "*tolo*" dizer que este caso tinha essencialmente a ver com a raça, o Provedor do Leitor do *Chicago Tribune*, Don Wycliff, acrescentava que igualmente "*tola*" era "*a ideia de que o comportamento de Blair de algum modo pode demonstrar o falhanço de todos os esforços para diversificar os 'staffs' das redacções da América*"²⁵.

O interior do ‘NYT’

De culpas e responsabilidades meramente individuais passou-se, então rapidamente para a descoberta de eventuais culpas mais alargadas, alegadamente decorrentes do próprio ‘sistema’ e modo de funcionamento do *NYT*, até porque uma das maiores interrogações do caso continuava a ser como fora possível a um jovem repórter, mesmo invulgarmente dotado para a mentira, conseguir manter aquelas práticas durante anos, e no bastião mais forte, mais exposto, supostamente também mais organizado, da imprensa americana:

“Blair parecia intocável não por causa da raça, dizem jornalistas do *Times*, mas porque se ajustava ao molde de Raines [o director] de um jovem sôfrego [‘hungry’], disponível e empreendedor [‘single go-getter’], capaz de cair de pára-quadras num sítio e produzir rapidamente uma história”. (Howard Kurtz²⁶)

“À respeitabilidade e à verificação das fontes, ele [Howell Raines, o director] prefere uma política de golpes [‘coups’], postos em destaque na primeira página. Selecciona uma equipa de jornalistas-vedeta, aos quais confia as melhores reportagens. Apesar da sua falta de experiência, Blair é um deles”. (Fabrice Rousselot²⁷)

“A real lição do caso Blair é que o sistema do *Times* para lidar com o rigor [‘accuracy’] no seu jornal e a disciplina na sua redacção é muito facilmente infringido - se é que existe sequer algum sistema. (...) Uma incontornável conclusão deste escândalo é que o *Times* desenvolveu uma tolerância doentamente dependente [‘addictive’] face a fontes anónimas, a cocaína [‘crack cocaine’] do jornalismo”. (N/A²⁸)

“Se a liderança do *Times* tiver juízo, deve reconhecer este desastre institucional em tudo o que ele é de facto e reflectir sobre a cultura que

o produziu. Isso não fará apenas mudar editores; fará mudar atitudes”. (David Broder²⁹)

Para além das já referidas *tendência para favoritismos pessoais* (com vantagem para os jornalistas mais ambiciosos, hiper-competitivos, sempre ‘em cima’ de histórias candidatas à primeira página³⁰) e *fragilidade da comunicação interna* (que fez, por exemplo, com que até colegas de Blair, aparentemente conhecedores de algumas situações duvidosas, não se sentissem à vontade para avisar os editores ou os directores), o interior da redacção do *NYT* e as suas rotinas de funcionamento pareciam conter alguns ingredientes propiciadores deste tipo de condutas.

Um das mais insistentemente apontados e debatidos foi o do recurso excessivo, e raramente questionado pela hierarquia, a *fontes não identificadas*, mesmo em matérias de importância nacional que davam títulos de primeira página. Era na garantia de confidencialidade que se escudava Jayson Blair para inventar ou distorcer citações com razoável impunidade, pois nem sequer os editores directos cuidavam muitas vezes de saber quem eram as fontes por ele consultadas³¹. Este é um procedimento bastante generalizado, sobretudo no jornalismo político americano (e não só...), não faltando quem o veja em alguma medida legitimado pelo impacto histórico do “*caso Watergate*”, descoberto e desenvolvido com a preciosa ajuda de uma até hoje anónima “*Garganta Funda*”. Embora, na generalidade dos jornais, os responsáveis editoriais tendam a concordar em que este recurso deve ser usado com parcimónia e prudência, ele entranhou-se de tal modo nos hábitos de quem *faz* e quem *cobre* a actividade política (com ganhos para ambas as partes e sempre com o argumento final de que ‘*se eu não faço, o meu concorrente faz e fica em vantagem*’), que as práticas raramente se adequam às doutrinas³². Não foi certamente por acaso que uma das consequências mais imediatas do “caso Blair” se traduziu na revisão muito pormenorizada, em diversos jornais para além do *NYT* (um deles foi o competidor directo *Washington Post*) das circunstâncias em que podem utilizar-se fontes não identificadas. E uma das novas normas adoptadas foi a de

que, sendo necessário ocultar o nome de uma fonte de informação num texto publicado, ele deve, em todo o caso, ser revelado ao editor responsável (com o natural dever solidário de sigilo, que obriga não só o *jornalista*, mas o *jornal*).

Esta foi, afinal, uma das medidas tendentes a aperfeiçoar e a reforçar os mecanismos de controlo e de “*accountability*”- de responsabilização, de prestação de contas - no interior do *NYT*, pois se concluiu que eles eram poucos e frágeis, a ponto de permitirem os abusos continuados de Jayson Blair sem grandes sobressaltos. Este reduzido controlo das matérias a serem publicadas é em parte compreensível para o

meio em questão³³, mas em parte também pouco desculpável no caso vertente, atendendo aos ‘rastos’ que Blair foi deixando e às estranhas coincidências que o envolviam (por que motivo os outros *media* não pegavam em algumas das ‘cachas’ divulgados pelo repórter?...). Como sintetizava Rem Rieder,

“Não há maneira de impedirmos pessoas sem escrúpulos de fazerem coisas más. Mas tem de haver uma maneira de as apanhar mais rapidamente – particularmente quando deixam tantas pistas”.³⁴

Mas não só para dentro de portas se sentia a falta de “*accountability*”. A ausência de instrumentos facilitadores da “*comunicação dos leitores com o jornal*” (de que foi exemplo muito comentado a inexistência de um Provedor do Leitor, sempre recusado, até à data, pelos responsáveis do *NYT*) terá ajudado a explicar uma das maiores perplexidades deste caso: por que motivo as pessoas envolvidas nas invenções, distorções ou plágios saídos da caneta de Blair nunca, ou quase nunca, se queixaram ao *NYT*? Ficou a ideia de que elas estarão já acostumadas a tais práticas jornalísticas e a olhá-las como “*procedimentos normais*”- o que é grave -, ou, então, que não acreditam que alguma iniciativa nesse domínio possa ser bem recebida e produzir algum efeito concreto no jornal - o que não é menos grave³⁵.

O contexto envolvente

Num terceiro, e mais alargado, nível de reflexão sobre as potenciais origens e razões deste tão notório desvio às regras básicas do jornalismo por parte de um jovem repórter aparentemente talentoso e bem formado numa escola da especialidade, diversos analistas e estudiosos chamaram a atenção para o contexto mais vasto em que estas práticas individuais (de Jayson Blair) e colectivas (do *NYT*) se inseriam, e de onde em alguma medida decorriam. Sem querer desculpar a *pessoa concreta* que tantas fraudes cometera (como comentava o director do *The Denver Post*, Greg Moore, “*pode parecer assustador, mas toda esta actividade é baseada na confiança*”³⁶) ou o *jornal concreto* onde elas puderam acontecer tão continuamente (como dizia David Broder, “*o pecado mais fundo do jornalismo dos grandes meios é a arrogância, a crença na nossa onisciência, a crença de que sabemos tanto que não precisamos de ouvir as vozes críticas*”, e “*o Times enquanto instituição é quem lidera o grupo no que toca à arrogância*”³⁷), o episódio chamou a atenção para algumas tendências mais recentes da indústria mediática, bem como das suas envolventes económico-empresarial e tecnológica, que podem propiciar este tipo de comportamentos pouco profissionais e nada éticos.

“Segundo diversos analistas, o escândalo Blair é sintomático de uma erosão generalizada na ética do jornalismo que começou há cerca de 15 anos, quando a difusão dos jornais começou a descer rapidamente. Os jornais, vendo os seus leitores sugados pela televisão, começaram a pedir histórias mais coloridas e envolventes”. (*Alexandra Marks*³⁸)

“Quanto àquilo que está mal genericamente no jornalismo americano, precisamos de uma nova definição de sucesso (...) Blair operava sob o credo (auto-imposto ou não) de que, para conseguir subir numa profissão e num negócio que cada vez mais mede as suas vitórias pela celebridade e não

pela substância, uma pessoa tem que ganhar grande (*'win big'*) e ganhar muitas vezes. É uma mentalidade que cresceu nos últimos 20 anos". (*Ed Goodpaster*³⁹)

“O fosso entre ideais professados e práticas encorajadas é precisamente aquilo que um sociopata explora. Essas personalidades são especialmente capazes de retirar vantagem da fraqueza e da vaidade de organizações e de indivíduos, de saber quem precisa de ser bajulado e de que modo, e que caminhos podem ser atalhados com segurança. Eles reconhecem o poder de um segredo bem guardado: a cultura do jornalismo professa lealdade à verdade, minúcia, contexto e sobriedade, mas de facto recompensa a proeminência, a ‘cacha’, o destacar-se da multidão e a narrativa capaz de fascinar. Os sociopatas acreditam que só estão a dar aos seus superiores aquilo que é secretamente desejado. (...) O número de jornalistas assim arrisca-se a ir aumentando no mundo que estamos a criar. (...) Os sociopatas, em toda a sua anormalidade, dão-nos novamente lições sobre os mistérios mais recônditos do normal”. (*James Carey*⁴⁰)

Foi certamente por estes motivos enquadradores que o caso de Jayson Blair acabou por adquirir uma dimensão bem superior a ele próprio ou ao seu jornal, apontando pistas de reflexão para o jornalismo que se faz hoje, designadamente na imprensa, e até nos órgãos de comunicação - os chamados “*de referência*” - que nos habituáramos a ver, apesar de tudo, com vontade de resistir aos apelos fortes da informação-espectáculo, da facilidade, da ligeireza ou do nivelamento ‘por baixo’ no que toca à tentativa de captação de audiências.

Estas pressões sentem-se *nas empresas de media* e particularmente *nas redacções*, onde os constrangimentos económicos e a escassez progressiva (aliada à precariedade crescente) de emprego aumentam a competição, impõem ritmos de produção dificilmente

compagináveis com o rigor ou o aprofundamento razoável das matérias e fragilizam a capacidade de resistência a solicitações de trabalho eticamente duvidosas. É também num ‘caldo’ destes que podem surgir e medrar - por vezes com o incentivo das próprias chefias - comportamentos do tipo do de Jayson Blair:

“No hiper-competitivo mundo dos media mais importantes, a tentação de fazer batota foi obviamente maior do que aquilo que Blair podia aguentar. “Ele parecia estar a fazer o trabalho de três pessoas - três *talentosas* pessoas - e ganhava o respeito e gratidão dos seus directores. Como poderia ele parar?...” (*Dan Kennedy*⁴¹)

Mas o problema não está apenas no interior das redacções, ou até nas escolas que preparam futuros jornalistas - e que, na sequência deste caso, começaram um pouco por toda a América a perguntar-se se estarão a dar aos jovens a formação ética adequada, e necessária, para a imersão neste mercado tão tentador como exigente. O contexto envolvente aqui referido sugere também uma erosão acentuada *na relação entre as pessoas e os media*, bem como *nas representações* que hoje têm do jornalismo em geral, e dos jornalistas em particular. A impressão frequente de que “*não vale a pena queixarmo-nos aos jornais*” porque “*todos fazem isso*”, ou a aceitação passiva de grandes ou pequenas ‘ficções’ a temperar os ‘factos’ como algo normal no trabalho de jornais e televisões, é um sintoma que vai corroendo uma relação que devia ser de confiança - e que tem efeitos profundos no contexto de uma sociedade democrática, como eloquentemente explicou Richard C. Wald:

“Então o caso de Jayson Blair está empolado, certo? Errado. Ele fere o Times, o que é uma vergonha; ele fere o jornalismo, embora nós sobrevivamos a isso; mas ele fere a sociedade de modos que normalmente não são muito considerados (...).”

“Se uma série de gente desistiu, ou não conseguiu queixar-se de uma

instituição tão proeminente como o NYT, se as pessoas não se queixam acerca de uma miríade de outras coisas que estão erradas, então a separação entre a imprensa e as pessoas já vai suficientemente longe e fundo para se tornar perigosa para todos nós (...). “Quando a informação se torna passageira e não valiosa, quando já não interessa quem a traz até ti ‘porque eles são todos iguais’, a sociedade civil tem um problema. (...) A nossa sociedade é baseada na informação, simultaneamente aceite como verdadeira e importante de se ter. Se nós pensamos que não é verdadeira e que não vale a pena queixarmo-nos disso, então temos um problema muito maior do que o Sr. Blair ou o New York Times”⁴².

Vale a pena sublinhar, apesar de tudo, que este caso parece ter esprevidado um pouco os leitores de jornais (também graças à capacidade de iniciativa que estes finalmente mostraram, abrindo canais de comunicações mais ágeis com os seus públicos, solicitando expressamente o envio de queixas ou críticas e fazendo eco delas com uma receptividade

nem sempre verificada no passado), sugerindo que todas as partes podem ter tirado alguns dos ensinamentos do sucedido. Um deles é o que foi posto em evidência pela directora de um pequeno diário americano, Jeannine Guttman, ao sustentar que “os leitores são o supremo posto de controlo da qualidade dos jornais”⁴³. O controlo, afinal, que não funcionou no NYT.

No fundo, era tudo mais fácil se pudéssemos resumir o episódio de Jayson Blair a um desvio patológico, a um comportamento aberrante e exterior ao sistema, a uma anormalidade individual rapidamente identificável, isolável e expurgável. Do que em diversos meios profissionais e académicos se foi reflectindo e debatendo sobressai, contudo, a ideia bastante clara de que o caso foi muito para além disso - na dimensão, no impacto e nas consequências -, tendo sido encarado (e trabalhado) como sinal particularmente revelador de um *tempo* e de um *modo* que suscitam tantas interrogações como apreensões. Como dizia James Carey no texto acima referido ⁴⁴, foi mais uma vez um sociopata a dar-nos, com todas as suas *anormalidades*, ensinamentos importantes quanto às teias que vamos tecendo sob a capa do *normal*.

¹ Este trabalho inscreve-se no projecto de investigação “MEDIASCÓPIO - Estudo sobre a reconfiguração do campo da comunicação e dos media em Portugal”, em curso no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), através do Programa Sapiens.

² Universidade do Minho

³ Kelly McBride, “What’s fit to print”, in Poynter Ethics Journal – PoynterOnline, 11.5.03.–

⁴ Douglas C. Clifton, cit. por Joe Strupp, “Lessons from the Blair affair”, in Editor & Publisher, ed. de 9.6.03.

⁵ Robert Leger, presidente da Society of Professional Journalists (EUA), cit. por Mark Fitzgerald, “Blair fallout impacts newspapers across U.S”, in Editor & Publisher, ed. de 20.5.03.

⁶ Cit. em “Correcting the record - Times reporter who resigned leaves long trail of deception”, N/A, in The New York Times, ed. de 11.5.03.

⁷ Ibidem.

⁸ A referência à cor de pele do jornalista é significativa para a compreensão global da história, pois, como adiante se verá, foi um dos elementos mais presentes nas polémicas então geradas.

⁹ N/A, “Correcting the record – Times reporter who resigned leaves long trail of deception”, in New York Times, ed. de 11.5.03.

¹⁰ Tim Rutten, “A sweeping journalistic mea culpa”, in Los Angeles Times, ed. de 12.5.03.

¹¹ Alberto Dines, “Fim da caixa preta, controle social: avanço republicano”, in Observatório da Imprensa, 27.5.03.

¹² Mandy Grunwald, “Journalists used to judging, not to being judged”, in American Journalism Review – AJR.Com, ed. especial, Junho de 2003.

¹³ James Carey, “Mirror of the Times”, in The Nation, ed. de 29.5.03.

¹⁴ O próprio NYT o admitiu, no extenso “mea culpa” da edição de 11.5.03: “*Algo falhou claramente na redacção do Times. Parece ter sido a comunicação – ela que é o próprio objectivo do jornal*”.

¹⁵ Mark Glaser, num texto publicado na Online Journalism Review (“For bloggers, NYT story was fit to print” - 10.6.03), chega a sugerir que a agitação provocada por esta história nos meios da Net significou para o “site Romenesko” – um conhecido “weblog” de comentário e crítica dos “media” –, em termos de promoção, – “*o que a primeira Guerra do Golfo Pérsico significou para a CNN*”.

¹⁶ “*Há ali [no NYT] uma grande diferença entre a política de assinaturas e a prática de*

assinaturas”, disse Rick Bragg, cit. por Tara Burghart, “New York Times reporter Bragg resigns”, in Associated Press Online, 29.5.03.

¹⁷ Estas são palavras de Errol Cockfield, presidente da Associação Nova-Iorquina de Jornalistas Negros, que acrescentou: “*Há muitos jornalistas negros que se interrogam sobre se, num esforço para restaurar a credibilidade, o NYT não terá ido longe demais*” (Errol Cockfield, citado por Jacques Steinberg, “Times’s two top editors resign after furor in writer’s fraud”, in The New York Times, ed. de 6.6.03). Convém recordar, de resto, que o editor-adjunto Stephen Boyd, agora demitido, era o primeiro negro, em toda a história do NYT, num cargo de tão alta responsabilidade.

¹⁸ Joe Strupp, “Lessons from the Blair affair”, in Editor & Publisher, ed. de 9.6.03.

¹⁹ N/A, “Leadership at the Times” (Editorial), in The New York Times, ed. de 6.6.03.

²⁰ E convirá notar que o “caso Blair” não é único, pois situações igualmente graves foram encontradas, na última vintena de anos, nos mais importantes jornais americanos: The Washington Post / “caso Janet Cooke” (1980), The Wall Street Journal / “caso R. Foster Winans”, Los Angeles Times / “caso Staples Center” (1999), USA Today / “caso Jack Kelley” - o mais recente, ocorrido já em 2004 -, The Boston Globe / “caso P. Smith & M. Barnicle” (1998), New Republic / “caso Stephen Glass” (1998) - deste último, aliás, se fez o filme “Shattered Glass”, cuja estreia em Portugal ocorreu em Abril de 2004. No caso português, a memória recente (Janeiro/Fevereiro de 2003) traz-nos a cena o caso de plágio protagonizado por Clara Pinto Correia nas páginas da revista “Visão”.

²¹ Como ironiza Aileen Jacobson (“Struggles for an “idealistic liar””, in Newsday.Com, 15.3.04), essa tendência levou-o mesmo a decidir acrescentar um “y” ao seu mais banal nome original - Jason.

²² Jayson Blair em entrevista a Sridhar Pappu, “So Jayson Blair could live, the journalist had to die”, in New York Observer, ed. de 26.5.03.

²³ Jayson Blair em entrevista a Brian Braiker, “The Blair Witch Project”, in Newsweek, ed. de 11.3.04.

²⁴ Dan Kennedy, “News at the brink”, in Boston Phoenix, ed. de 23-29.5.03.

²⁵ Don Wycliff, “The disciplines of journalism”, in Chicago Tribune, ed. de 15.5.03.

²⁶ Howard Kurtz, “After Jayson Blair, a diverse array of questions”, in Washington Post, ed. de 19.5.03.

²⁷ Fabrice Rousselot, “Le New York Times perd ses huiles”, in Libération, ed. de 6.6.03.

²⁸ N/A, “The Times addiction to anonymous sources”, in Editor & Publisher, ed. de 22.5.03.

²⁹ David Broder, “The perils of arrogance”, in Washington Post, ed. de 11.6.03.

³⁰ Não é certamente por acaso que algumas das “fabricações” mais comentadas de Blair surgiram quando ele cobria temas “emocionalmente fortes na história recente” dos EUA (como se lhes referiu o próprio NYT em 11.5.03), fossem eles o 11 de Setembro, o caso do “sniper” assassino nos subúrbios de Washington ou as histórias das famílias de soldados enviados para a guerra no Iraque. Histórias cheias de impacto e emoção, títulos fortes, temas de grande expectativa pública, tornavam ainda mais permeável o já de si pouco rigoroso “crivo” da hierarquia do jornal.

³¹ E o facto de Jayson Blair chegar frequentemente à redacção com citações “*too good to be true*” não só não levantava suspeitas, estranhamente, como até parecia satisfazer os directores, sempre ávidos de títulos fortes, apelativos, e de manchetes com grande impacto...

³² Dizia a ex-provedora do leitor do Washington Post, Geneva Overholser (cit. por Joe Strupp, “Hard times: journalism’s credibility problem”, in Editor & Publisher, ed. de 11.6.03): “*Já fomos além de todos os códigos por que nos regíamos: até permitimos a fontes anónimas que dêem opinião...*”.

³³ Como escreveu Elizabeth Colbert (“Tumult in the newsroom”, in New Yorker de 30.6.03), “*o Times não supervisiona os seus repórteres - é dado por adquirido que eles tratam bem as coisas*”. E mais adiante:”

“O jornalismo diário, por uma série de razões práticas, depende desta espécie de confiança.(...) O problema, no caso de Blair, é que o Times torceu as suas regras para o manter no trabalho - uma

indulgência que, pela sua própria lógica, estava destinada a acabar mal”.

³⁴ Rem Rieder, “The Jayson Blair affair”, in American Journalism Review, ed.”Junho 2003.

³⁵ Aquando deste caso, foi muito referida uma sondagem de 2002 do Pew Research Center (citada no jornal PÚBLICO, ed. de 19.5.03) que apurara que 56 por cento dos americanos considerava que os “media” cometem “*erros frequentemente*” e 67 por cento achava que os jornalistas “*procuram encobrir esses erros*”. Uma outra sondagem, esta de 2003 e da autoria da Gallup (citada no jornal PÚBLICO, ed. de 1.6.03), reforçava esta tendência: 62 por cento dos inquiridos era de opinião que as notícias dos “media” *são frequentemente inexactas*”- o valor mais baixo desde 1985.

³⁶ Greg Moore, cit. por Joe Strupp, “Boyd says some at *NY-Times* are scared”, in Editor & Publisher, ed. de 13.5.03.

³⁷ David Broder, “The perils of arrogance”, in Washington Post, ed. de 11.6.03.

³⁸ Alexandra Marks, “New York Times resignations signal industry turmoil”, in Christian Science Monitor, ed. de 6.6.03.

³⁹ Ed Goodpaster, “Journalism’s weakest link”, in Christian Science Monitor, ed. 27.5.03.

⁴⁰ James Carey, “Mirror of the Times”, in The Nation, ed. de 29.5.03.

⁴¹ Dan Kennedy, “News at the brink”, in Boston Phoenix, ed. de 23-29.5.03.

⁴² Richard C. Wald, “How to worry about the Blair affair”, in Columbia journalism Review, edição nº 4 - Julho/Agosto 2003.

⁴³ Jeannine Guttman, citada por Mark Jurkowitz, “Since the Jayson Blair scandal, more readers are becoming watchdogs”, in The Boston Globe, ed. de 11.6.03.

⁴⁴ Ver nota 38.